

Mourão, o africano

*Carlos Lopes**

Não foi num café ou restaurante em volta de boa comida. Também não foi num auditório repleto de olhos admirados. Poderia ter sido num encontro casual provocado por amigos comuns, mas também não aconteceu. Acho mesmo que poderia ter sido através de uma leitura, mas não se prestou a oportunidade. Acabou por ser tudo isso, mas de forma indirecta. Conheci o Professor Mourão porque me falaram dele num jantar depois de ele ter feito uma conferência e logo tentei obter uma cópia do texto que suscitou tanto interesse.

No Brasil dos anos 1980 o fascínio por África era real, mas muito limitado a grupos de especialistas e ao Movimento Negro. Nesse pequeno microcosmo o patriarca era sem dúvida Albuquerque Mourão. Não só dirigia um Centro e Revista sobre o continente, na prestigiada Universidade de São Paulo (USP), mas estava ligado a outros projetos editoriais de monta, como as publicações da *Coleção Autores Africanos* na Editora Ática e a sua participação no monumental esforço da História Geral de África.

Jovem investigador, eu olhava para essas referências com reverência e admiração. Pensava no pedestal do saber e encontrava um homem bem-disposto, com humor, chutando o pretenciosismo de muitos dos seus pares pelas escadas. Mourão sempre foi capaz de ouvir mais do que de falar. Sempre se interessou pela companhia dos jovens com ideias e contribuições dando-lhes incentivos para continuarem a pesquisar. O seu interesse por África distinguia-se dos africanistas. No princípio eu não entendia porquê, mas depois dei-me conta que na realidade a sua trajetória tinha muito de África, e da história dos movimentos nacionalistas, na pele. O seu sentir África não era feito com proclamações, fidelidades visíveis ou argumentos ideológicos.

* Subsecretário-geral da ONU.

Por todas as razões invocadas e a agradabilidade do ser foi natural que quisesse ficar próximo, o quanto possível, deste mestre incomum, desta fonte de generosidade que partilhava sem saber que o fazia.

O conteúdo acadêmico de Albuquerque Mourão embora venha da raiz jurídica, é uma súpula do papel da história na interpretação dos fenômenos políticos da África. Leitura indispensável para entender as idiosincrasias de Angola, tem a virtude de se manter contemporânea e pragmática. Não poderia ser de outra forma pois poucos conseguem o que Albuquerque Mourão projeta: uma relação suave entre o saber enciclopédico e a vida prática. Com ele imagina-se um “papo” sobre a resolução de conflitos, coisa complexa, mas também o melhor sítio para se comer um bom bife, nos Jardins, em São Paulo.

Sua saúde têm vindo a denunciar alguns vícios de forma, como o famoso cachimbo que lembra os escritores franceses dos anos 1940. Aquela arte do saber viver!

Na merecida homenagem que se celebra é importante dizer o quanto o professor Mourão virou um nome familiar para os investigadores africanos lusófonos. Só não é convidado para uma qualquer conferência ou trabalho coletivo por defeito, não ter vaidades e se imaginar que não está disponível. De outra forma seria impossível poder atender a tantas solicitações espontâneas. O seu papel em trazer os africanos para a USP e levar a USP para a África marcará para sempre a relação que o Brasil vai consolidando com o continente. Na sombra foi conselheiro de muitos enviados, diplomatas, investidores e outros atores dessa relação. No momento tão auspício dessa relação que todos estamos a viver, é importante reconhecer este contributo e perseverança.

Genebra, Suíça, 15 de Junho de 2011.